

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORES.

MARTIN, Selma Alves de Freitas
Orientador: DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini

Iniciei trabalho na área de Educação em 1997 na rede privada. Atuei na rede Estadual de ensino no período de 2000 a 2002 como professora de Ciências e Matemática da 5^a à 8^a série do ensino fundamental e de Física no ensino médio.

Ao trabalhar com alunos, principalmente do 5^o a 8^o ano do ensino fundamental, percebi que a questão da sexualidade estava latente em suas vidas e muitas vezes, por trás de brincadeiras e piadinhas de caráter sexual eles demonstravam uma certa angústia. Nesse momento, considerei necessário o aprofundamento de meus estudos sobre a questão da Sexualidade na Escola.

Em janeiro de 2003, iniciei atividades profissionais na Rede Pública Municipal de Educação, por meio de concurso público, como Educadora de Saúde Pública, área em que sou especialista, compondo a equipe técnica multidisciplinar da Secretaria Municipal de Educação, hoje denominado Setor de Ações Complementares à Educação, composto por 1 Educador de Saúde Pública, 5 Assistentes Sociais e 3 Psicólogas Escolares.

Faz parte da função do Educador de Saúde Pública orientar trabalhos de Educação em Saúde, em todas as Unidades Escolares Municipais, nos níveis de ensino da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, incluindo ações de Educação Sexual.

Dentro do meu trabalho como Educadora de Saúde Pública, tenho buscado desenvolver uma compreensão mais ampla das relações de saúde dos alunos das escolas municipais. Dentre tantos aspectos, tenho considerado a sexualidade, no que diz respeito à busca de entendimento e atendimento ao aluno em sua integralidade, buscando cada vez mais seu bem estar e saúde biológica, psicológica e social, dentro do espaço escolar e fora dele.

A sexualidade e a educação sexual no universo escolar é assunto polêmico para pais, professores e alunos. Há que se considerar, antes de tudo, a multiplicidade de visões, crenças e valores que possuem os atores envolvidos nesse processo. Ribeiro (2004) acrescenta que a sexualidade sempre tem sido um aspecto polêmico do cotidiano do brasileiro, desde a colonização, no século XVI.

Percebi uma falta de compreensão da sexualidade como parte da vida de todo ser humano, que se faz presente desde o nascimento até a morte, com variações em cada fase da vida, diferentemente para cada sujeito e considero que a falta dessa compreensão por parte dos educadores contribui para o distanciamento em relação a essa temática.

A necessidade de discussão sobre a sexualidade está posta eminentemente, existindo assim a necessidade de ser trabalhada no âmbito escolar, pois “valores negativos sobre sexualidade geralmente ficam impregnados em nossa formação e é preciso um esforço pessoal muito grande, pautado em reflexões e estudos, para desfazer esse vínculo” (FIGUEIRÓ, 2006, p. 18).

Educadores não devem ficar medrosos, presos a valores negativos, mas buscar subsídios que lhes proporcionem condições de trabalhar, pois como aponta Figueiró (2006) “adiar não é mais possível”¹: questões relativas à educação sexual estão “invadindo” a escola.

De acordo com os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Orientação Sexual²

A escola, querendo ou não, depara com situações nas quais sempre intervém. Seja no cotidiano da sala de aula, quando proíbe ou permite certas manifestações e não outras, seja quando opta por informar os pais sobre manifestações de seus filho, a escola está sempre transmitindo certos valores, mais ou menos rígidos, a depender dos profissionais envolvidos naquele momento. (BRASIL, 1997, p.113).

¹ Nome dado ao livro da autora: Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível. (2006).

² Orientação sexual: termo utilizado pelos PCN para tratar do trabalho sobre sexualidade na escola, que vou tratar nesta pesquisa como Educação Sexual devido à existência da duplicidade de entendimento do 1º termo por estudiosos da área.

Guimarães (1995, p.57) nos explica que, no campo da sexualidade, “o jovem recebe, através dos meios de comunicação, solicitações sexuais fragmentadas, de acordo com os interesses do consumo. Isso contrapõe-se a um grande silêncio das vozes educativas que, na escola, se calam, e na família, se esfriam”.

O trabalho de educação sexual conta também com a possibilidade, conforme aponta Egypto, de proteger crianças e adolescentes contra o abuso sexual, pois estando bem informadas as crianças terão condições de perceber, caso sejam abordadas para essa finalidade, que se trata de algo que não é bom para ela, sabendo se sair da situação e denunciando o fato para pessoas em quem ela confia, podendo ser o professor.

A partir da percepção dessas questões no ambiente escolar, enquanto profissional que lida cotidianamente com a vivência de professores e alunos, senti a responsabilidade de buscar condições para contribuir com uma possível resposta às necessidades dos mesmos. Nesse sentido, fiquei motivada a estudar sobre sexualidade, procurando a Universidade para cursar o Mestrado em Educação e pesquisar sobre o assunto.

A pesquisa teve como objetivo geral analisar a concepção de 13 professoras sobre sexualidade, bem como a consciência de sua responsabilidade na Educação Sexual dos alunos.

Os objetivos específicos foram:

- analisar as concepções das professoras sobre o conceito de sexualidade;
- analisar o que dizem as professoras quanto ao seu papel na educação sexual dos alunos;
- verificar se apontam interferência da educação sexual que receberam na infância com o seu trabalho em sala de aula.
- analisar o relato dos professores sobre benefícios, ou não, de um curso *on-line*, na plataforma Moodle intitulado “Conversando sobre

Sexualidade Adolescente” e se o curso proporcionou mudanças de postura e iniciativas de trabalhos com projetos sobre a temática;

- verificar se após 18 meses de participação no curso acima citado, houve mudança na prática cotidiana dos professores em sala de aula, provocada pelas reflexões propiciadas por meio do mesmo;
- verificar se houve inserção da discussão de Educação Sexual na Escola no Projeto Político Pedagógico das escolas e na atuação dos professores participantes da pesquisa;
- verificar se houve discussão de trabalho na Unidade Escolar em que atua, referente ao Parâmetro Curricular n. 10, que trata de Orientação Sexual na Escola.

A pesquisa caminhou dentro da perspectiva da abordagem qualitativa.

Parte da pesquisa se deu por meio de um curso numa parceria entre a FCT - Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP- Universidade Estadual Paulista por meio do NUDISE – Núcleo de Diversidade Sexual na Educação e a UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina.

A análise dos dados se deu com base na técnica da análise de conteúdo.

O referencial teórico se baseia no conceito de professor crítico-reflexivo, discutido por vários autores, e na idéia de aplicar este conceito à educação sexual emancipatória.

Para chegar aos objetivos propostos, houve o primeiro encontro da pesquisadora com as professoras e estas responderam a um questionário de sondagem. Nesse momento todas foram convidadas para participarem de um curso via *on-line* sobre sexualidade adolescente. Com a aceitação do convite por todas, teve início o curso, organizado e ministrado pela equipe do CEAD - Centro de Educação à Distância da UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina, coordenado pela Profa. Dra. Sonia Maria Martins de Melo.

No final do curso, as professoras participantes entregaram um trabalho de conclusão, contendo as reflexões e discussões que aconteceram, bem como,

apontamentos sobre os benefícios do mesmo para sua vivência cotidiana com os alunos e considerações sobre a importância, ou não, da educação sexual na escola.

A participação das professoras no curso tinha como finalidade proporcionar reflexão sobre o seu papel na educação integral dos alunos.

A presente pesquisa foi realizada na Rede Municipal de Educação de Presidente Prudente, com professores de 3ª série do Ensino Fundamental, buscou bibliografias que tratam de sexualidade, principalmente as que tratam de Educação Sexual, e de estudiosos da temática ligados a ONG's – Organizações Não Governamentais como GGB – Grupo Gay da Bahia que tem como fundador, Luiz Mott, antropólogo da Universidade Federal da Bahia, GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, ONG sediada na cidade de São Paulo, que teve como uma de suas fundadoras, Marta Suplicy.

O trabalho foi estruturado em dois capítulos teóricos e dois capítulos de análise dos resultados da pesquisa. No primeiro capítulo, foram discutidos conceitos e questões sobre: sexualidade, gênero, diversidade sexual e corporeidade, que são sustentáculos da discussão, assuntos que serão tratados com base na literatura pertinente que foi possível obter até o momento.

No segundo capítulo foram abordados os temas: Qualidade na Escola Pública, Formação de Professores (inicial e continuada) e Educação Sexual na Escola.

No terceiro capítulo, foram discutidos: o caminho metodológico percorrido, a metodologia adotada de forma a possibilitar a leitura, coleta e discussão dos dados do material elaborado e apresentação do perfil das professoras participantes da pesquisa.

No quarto capítulo, foi organizada a análise do material colhido durante a pesquisa como se segue:

- questionário inicial elaborado e proposto pela pesquisadora que teve como objetivo analisar a concepção que as professoras tinham sobre sexualidade, sobre seu papel enquanto educadora sexual na escola e

se a educação que recebeu na infância interfere no trabalho cotidiano em sala de aula;

- trabalho de final de curso da UDESC, que teve como objetivo analisar se as professoras consideram importante a formação continuada sobre a temática e se após o curso houve mudanças de concepções e posturas;
- questionário final elaborado e proposto pela pesquisadora, realizado 18 meses após o curso que objetivava verificar se houve mudança na prática em sala de aula, se alguma professora organizou projeto e trabalhou a temática, bem como, se discutiu com seus pares na escola sobre o PCN n. 10 (BRASIL, 1997), que trata sobre o assunto, e se houve discussão no Projeto Político Pedagógico.

Quanto ao curso referido, trata-se de um curso a distância, elaborado pela equipe do CEAD - Centro de Educação à Distância da UDESC – Universidade Estadual de Santa Catarina, coordenado pela Profa. Dra. Sonia Maria Martins Melo. O curso foi ministrado via *on-line* na plataforma *moodle* em parceria com a FCT/UNESP- NUDISE – Núcleo de Diversidade Sexual na Educação. O credenciamento para a participação das professoras no curso foi feito por meio de inscrição prévia, e todas participantes receberam uma senha de acesso à plataforma.

A análise do material teve como base a técnica de análise de conteúdo, que segundo Franco (2003, p 20), “é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem”. Dessa forma a análise auxiliou na percepção de como a teoria e as discussões trabalhadas durante o curso, compareceram ou não nas respostas das professoras.

De acordo com a proposta metodológica, os resultados serão apresentados abaixo resumidamente e na ordem da mesma.

Resposta à primeira questão do 1º Questionário - O que significa sexualidade para você?

Ao responder sobre o significado de sexualidade, naquele momento, as professoras demonstraram um certo conhecimento sobre o assunto, que já haviam discutido

sobre a questão em algum espaço, mesmo que informalmente. Apenas uma professora relatou já ter participado de discussão sobre o assunto. A maioria das professoras apresentou respostas permeadas por expressões como: algo amplo, o corpo com seus sentimentos, ações, desejos, afetividade, satisfação, impulsividade, sensações, valores, ações, atitudes, inerente ao ser humano, posturas, descoberta, manifestações afetivas de diferentes dimensões, energia, desejo de contato.

As respostas foram diferentes do que se pensou anterior à pesquisa. Foram satisfatórias, embora houvesse a percepção de insegurança das professoras naquele momento.

Resposta à 2ª questão do Primeiro questionário – Você se sente preparada ou desconfortável para discutir sobre o assunto.

- Preparada - 15,3 %
- Desconfortável - 30,7
- Mais ou menos preparada - 7%
- Não respondeu – 46,1%

A análise a esta questão permitiu verificar que 2 professoras apontaram fazerem parte da categoria 1, sentindo-se preparadas para discutir o assunto. Na segunda categoria, 4 professoras apontaram que se sentem despreparadas ou desconfortáveis para discutir o assunto. Uma professora apresentou fazer parte da categoria 3, de quem se sente mais ou menos preparada, e apontou que “é difícil ser seguro para dizer ‘estou preparada’”. Na quarta categoria, 6 professoras não responderam à pergunta (a maioria), embora algumas professoras tenham apontado que fazem intervenção, mas não disseram se sentirem preparadas ou desconfortáveis para falar sobre o assunto. Uma delas, (Liz), na questão 5 do questionário, apontou que não se sente à vontade para discutir o assunto

Resposta à 3ª questão do primeiro questionário – De quem você considera ser a tarefa de educar sexualmente as crianças?

A maioria das professoras (9) respondeu de acordo com a categoria 1, que acreditam que este é um trabalho a ser realizado pela escola e família, porém observei que algumas apresentaram um diferencial. Das que apresentam como resposta que escola e

família devem trabalhar de forma igual, em conjunto ou em parceria, 37,5 % apresentaram nitidamente que considera ser uma tarefa primeiro dos pais e depois da escola, sendo que uma delas afirmou que “primeiramente os pais, depois **seria até legal** o professor complementar”.(Grifo da autora). Interessante que a professora que apontou que “seria até legal”, do meu ponto de vista, mesmo dizendo que é papel da escola, não legitima este trabalho como sendo papel do professor, pois, pedagogicamente, não se trata de “ser legal” e sim de uma questão de direito do aluno.

Resposta à 4ª questão do primeiro questionário – Fale um pouco da educação sexual que recebeu quando criança/adolescente.

Para proceder à análise das respostas das professoras sobre a educação sexual que receberam quando crianças/adolescentes, as respostas foram divididas em duas categorias, sendo a 1ª a que apresenta aspectos positivos relativos à educação sexual que recebeu e a 2ª categoria ficou para as professoras que apontaram características negativas respeito da educação sexual que recebeu. Na 1ª categoria - aspectos positivos para a educação sexual que recebeu quando criança/adolescente - 3 professoras apontaram para uma educação sexual positiva com falas tranquilas e transparentes, com informações sobre a necessidade da relação sexual para o nascimento, com liberdade de trocar de roupa na frente uns dos outros. Outra professora relatou que recebia informações somente sobre menstruação, não andar com estranhos, não se deixar ser tocada por meninos. Esta última, embora esteja sendo considerada na categoria de educação sexual positiva, aponta para um pouco de repressão. Na 2ª categoria - aspectos negativos para a educação sexual que recebeu na infância/adolescência - 10 professoras apontaram para uma educação sexual negativa, expressando-se com palavras como: escondido; tudo era muito feio; bastante crítico (mãe instrução e pai repressão); não houve diálogo com os pais foi descobrindo sozinha pelo caminho mais difícil; pais rígidos, não conversavam, não instruíam; pais não orientavam “engravidei aos 15 anos e tive que pular uma etapa da minha vida, aprender a ter responsabilidade e me comportar como uma adulta sem ser”; meus pais eram muito duros; muito reservados, “na 4ª série minha menstruação veio e eu não sabia o que fazer e a professora me auxiliou muito”; muito rigorosa “vai brincar que a conversa não é para criança”; educação falha, filha mais velha, “cobaia”.

Resposta à 5ª questão do primeiro questionário – Você acredita que a educação sexual que você recebeu na infância ou adolescência influencia o seu trabalho em sala de aula? Como?

- Influencia positivamente – 46,1%
- Influencia negativamente – 7%
- Influencia sem justificativa – 7%
- Não influencia – 15%
- Talvez influencie – 23%

Na primeira categoria, um grupo de 6 professoras apontou que influencia positivamente, embora eu tenha percebido nas respostas que não significa que todas estas tiveram uma educação sexual positiva, pois apontaram respostas do tipo, “crescimento pelo aprendizado pelo qual passamos”, “apesar de não ter tido diálogo com meus pais, eu, penso que a melhor forma de ensinar é o diálogo”. Essa constatação é interessante, pois mesmo não tendo tido uma educação sexual satisfatória, segundo elas, esta influencia positivamente o trabalho cotidiano, pois acredito muito nessa possibilidade. Na segunda categoria, uma professora apontou que a educação sexual que recebeu na infância influencia negativamente o seu trabalho em sala de aula, expressandose com uma fala de educação sexual repressora. Na terceira categoria, também uma professora apontou influência, mas não justificou o motivo. Na quarta categoria, duas professoras apontaram que não influencia. Uma professora relatou que conseguiu ultrapassar os obstáculos, mas que isso levou algum tempo. Outra professora relatou que nunca a mãe falou sobre sexualidade, mas que falava com outras pessoas e fazia leituras sobre o tema e deixou claro que consegue ter tranquilidade com o assunto. Na quinta categoria, 3 professoras apontaram que talvez influencie. A professora Juju relatou que algo sempre fica, mas cuida para não deixar de lado a cientificidade da temática, Lua relatou que às vezes a sua formação sexual inicial influencia, mas que tem procurado se aprofundar sobre o assunto buscando uma forma de lidar com as situações.

Análise dos trabalhos de conclusão do curso “Conversando sobre Sexualidade Adolescente” ministrado pelo corpo docente do CEAD/UDESC.

Para proceder às análises foram separadas 5 categorias conforme seguem:

- **Avaliação qualitativa do curso;**
- **Auto avaliação;**
- **Retomada teórica;**
- **Constatações da realidade cotidiana;**
- **Críticas.**

Avaliação qualitativa do curso:

Os apontamentos permitiram observar que as professoras, em sua totalidade, consideraram de grande importância a participação no curso, destacando que este propiciou reflexões importantes até de dúvidas que traziam da época da adolescência, contando com a oportunidade de conhecer e realizar leituras relevantes e atuais sobre a temática, desfazendo tabus e preconceitos.

Auto avaliação:

As professoras avaliaram que o curso contribuiu para seu crescimento pessoal no entendimento de questões, até pessoais, e que este crescimento permitiu mudanças de postura na sua vida particular e conseqüentemente na prática cotidiana com os alunos levando-as a perceberem aspectos que antes não percebiam. Em geral as professoras ficaram mais fortalecidas quanto ao seu papel frente à formação integral dos alunos da qual a educação sexual é parte importante.

Retomada teórica:

A maioria das professoras relataram que não tinham esclarecimento suficiente sobre a fase da adolescência e dessa forma não percebiam que os alunos com quem estavam trabalhando eram pré adolescentes, o curso propiciou esse entendimento contribuindo para a melhoria no atendimento aos alunos.

Constatações da realidade cotidiana:

As professoras apresentaram constatações interessantes, apontaram que passaram a atentar mais para cada aluno em particular e perceber diferenças de comportamento entre eles e a considerar normal essa diferença. Dentre as constatações, a diferença de gênero ainda aparece forte no meio dos alunos (meninas mais reservadas e meninos podem tudo). Apontaram perceber que as dúvidas das crianças devem ser sempre esclarecidas para que sejam adultos saudáveis. Relatam a percepção da banalização do sexo e a abstenção e repressão da família sobre o assunto levando o aluno ao medo de falar sobre o mesmo e ao isolamento, considerando parte do papel do professor a intervenção.

Relataram ainda, considerar necessária a formação continuada para os professores e apontaram acreditar no potencial do espaço escolar como formador para que crianças e adolescentes reflitam sobre questões relativas à vida sexual.

Críticas:

Professoras criticaram a visão biologistica de professores que acreditam que ao abordarem assuntos como sistema reprodutor, estão discutindo eficientemente sexualidade e atribuem a educação sexual de seus alunos para outros profissionais, outros que fingem não ver o que está acontecendo quando surge a necessidade de falar sobre o assunto. Apontaram críticas para a escola que desenvolve ações fragmentadas e descontextualizadas referente à sexualidade. Criticaram os meios de comunicação que bombardeiam a cabeça das crianças com informações que, por si mesmos, não são capazes de decodificar. Músicas que as crianças cantam sem contextualizar para saberem do que estão falando.

Segue abaixo algumas falas de professoras que considerei importante apresentar.

[...] Chego a conclusão com tudo que tive acesso nesse curso, que é muito importante e essencial que a escola tenha uma participação maior e direta nesse processo de construção diária dessa criança que irá vir a ser um adolescente atuante socialmente e responsável pelos seus atos.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

[...] O educador deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento.

[...] A questão da sexualidade precisa ser subsidiada por esclarecimentos e discussões sobre afeto, solidariedade, tolerância, amor e tantos outros sentimentos e ações que compõem o quadro dos valores humanos.

Após 18 meses da participação no curso “Conversando sobre Sexualidade Adolescente” procurei pelas professoras solicitando que respondessem a um novo questionário com quatro questões, objetivando saber se mesmo após as conclusões apresentadas pelas professoras e passados 18 meses, houve mudança de postura na prática cotidiana em razão dos estudos realizados.

Resposta à primeira questão do 3º questionário - Após sua participação no curso mencionado, você considera que houve contribuição do mesmo para sua prática cotidiana em sexualidade com seus alunos? Explique.

A análise às respostas dessa questão, possibilitou detectar que 100% das professoras consideraram que houve contribuição do curso para sua prática cotidiana com os alunos.

Foi possível perceber uma contribuição muito positiva, pois as professoras ao comentarem a questão, o fizeram usando palavras que reforçam esta contribuição, como: ‘segurança’; ‘confiança’; ‘mais atenta às questões’; ‘entendo que é necessário falar sobre o assunto’, ‘ todos tem dúvidas que devem ser esclarecidas e não encobertas’; ‘tranqüilidade’; ‘me sinto mais a vontade sem tantos tabus ou medos’; ‘mais domínio’; ‘pude compreender o que acontece social e educacionalmente e compreender como abordar o assunto’; ‘aperfeiçoamento e tomadas de atitudes mais confiantes’; ‘vi que não era tão constrangedor falar sobre o assunto, fui capaz de lidar com o conteúdo’; maior segurança em usar palavras’; ‘novos conhecimentos de grande relevância’.

Resposta à segunda questão do 3º questionário - Você inseriu no seu planejamento individual a questão da Educação Sexual na Escola? Organizou projeto sobre o assunto? Comente.

As respostas foram separadas em 3 categorias sendo: Sim; Não e Em parte.

A análise possibilitou detectar que 6 professoras declararam terem inserido no planejamento a temática apontando para trabalhos interessantes, 4 professoras apontaram não terem inserido no planejamento e 3 disseram que a temática foi inserida em parte. Das professoras que fizeram parte da categoria 2, que não inseriram no planejamento, 2 delas não consideraram a temática importante nesse momento, dada a necessidade de trabalhar outros temas, e 2 apontaram que as crianças (3ª série) ainda não apresentaram necessidade do trabalho. Considero preocupantes estes apontamentos, pois a sexualidade pode ser trabalhada junto com outras temáticas sem atrapalhar o andamento do ensino aprendizagem, podendo até auxiliar, pois as crianças costumam ficar mais satisfeitas por conta da discussão, se considerando ouvidas e valorizadas em sua subjetividade. Porém, observei que das professoras que disseram não ter inserido no planejamento, uma delas apontou que trabalha no cotidiano de acordo com as dúvidas das crianças. Trabalhar a temática apenas quando solicitada pelas crianças não deixa de ser interessante, mas os PCN preconizam que a temática seja tratada “[...] dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema” (PCN, p. 129). Ainda segundo os PCN, a abordagem da temática no âmbito da educação “precisa ser explícita, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento de conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar uma aprendizagem e um desenvolvimento crescentes”, (PCN, p. 127), dessa forma, necessitando que as professoras não esperem que o assunto surja na sala de aula, mas que garantam que a temática seja tratada na escola.

Observei que das professoras que disseram não ter inserido no planejamento, uma delas apontou que trabalha no cotidiano de acordo com as dúvidas das crianças. Das professoras que apontaram fazer parte da categoria 3 (em parte), todas relataram ter desenvolvido trabalhos de Educação Sexual com os alunos.

Resposta à terceira questão do 3º questionário - Você participou da discussão do Projeto Político Pedagógico de sua escola? Na discussão foi contemplada a questão da Educação Sexual? Explique.

Para proceder à análise a esta questão foram criadas três categorias, sendo:

1. Participou.
2. Não participou.
3. No caso de ter participado se houve discussão da temática:
 - Houve discussão da temática Educação Sexual;
 - Não houve discussão da temática Educação Sexual;
 - Não fez referência à discussão ou não foi clara na resposta.

Das professoras que responderam a esta questão, 9 declararam que fizeram parte da discussão do Projeto Político Pedagógico da escola e 3 declararam que não fizeram parte dessa discussão. Das 9 professoras que declararam participar do PPP, 3 professoras responderam que a temática Educação Sexual na Escola fez parte da discussão, 4 professoras responderam que a temática não fez parte da discussão e 5 professoras não fizeram referência a discussão da temática ou não foi clara na resposta.

Considero um dado importante e preocupante saber que 25 % de um grupo de professores não participou da discussão Projeto Político Pedagógico da Escola.

É sempre interessante saber que os professores estão discutindo a Educação Sexual na Escola dentro do seu Projeto maior, mas considerei como média baixa o fato de somente 22 % do universo das professoras ter feito parte de escolas que discutem a temática dentro desse projeto.

O quadro 24 trata de apresentar as respostas dadas à quarta questão do terceiro questionário.

Resposta à quarta questão do 3º questionário - Você participou de alguma discussão de trabalho sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, mais especificamente o tema transversal Orientação Sexual? Explique.

Foram criadas categorias esclarecendo se houve discussão, e onde elas aconteceram, - no sentido de saber se foi na Unidade Escolar, conforme seguem:

- 1 - Participou de discussão sobre os PCN.
- 2 - Não participou de discussão sobre os PCN.
- 3 - Não respondeu a esta questão.

4 - No caso de ter participado de discussões sobre a temática nos PCN, onde elas aconteceram. Na Unidade Escolar o e em outros espaços, quais.

- 50% das professoras relataram ter participado de discussão sobre os PCN, 41,6 % relataram não ter participado de discussão desse tipo e 8,3 % não respondeu a esta questão.
- De 50 % das professoras que participaram de discussão sobre o PCN que trata de Orientação Sexual, apenas 33 % o fizeram no âmbito da escola em que trabalha e 77 % participou da discussão em outros espaços sendo 27% na faculdade e 50% na Secretaria Municipal de Educação de Presidente Prudente.

Acredito que estas professoras ao participarem desta pesquisa e do curso foram “despertadas” para a questão da Educação Sexual na Escola e conseguiram perceber a necessidade de se trabalhar a criança por inteira no espaço escolar, propiciando, dessa forma, ter uma prática crítica-reflexiva.

Esse trabalho me levou a concluir que a Educação Sexual não tem sido trabalhada na escola ainda de forma satisfatória, devido ao fato de os professores não terem formação a respeito. As políticas de formação de professores ainda não consideram a necessidade da discussão da temática.

Considerando os relatos das professoras sobre as reflexões propiciadas pelo curso de extensão de que elas participaram, foi possível perceber a valorização dada por elas ao espaço de reflexão, para que pudessem pensar sobre sexualidade e se repensar como sujeito e educador, dessa forma, abrindo espaços para a introdução do trabalho de Educação Sexual nas escolas e para mudanças de atitudes significativas nos educadores.

Diante da revelação das professoras de que ter passado por um processo de formação continuada em Educação Sexual foi altamente enriquecedor para sua prática, reafirmo a minha crença na necessidade da inclusão da temática nos cursos de formação inicial de professores dentro das Universidades e na formação continuada dos professores nos sistemas de ensino, Secretarias Municipais e Estaduais de Educação contemplando gestores escolares, e também profissionais de toda a escola.

Acredito que a inclusão da Educação Sexual nos currículos escolares contribuirá para a melhoria da escola pública, rumo a uma educação de boa qualidade.



Por ser uma profissional da Equipe Técnica da Secretaria Municipal de Educação, pretendo dar continuidade ao trabalho propiciando formação continuada aos professores da Rede Municipal de Educação sobre a temática, que, conforme demonstrou o resultados da pesquisa, é de extrema importância e necessidade.

REFERÊNCIAS:

EGYPTO, A. C. **A orientação sexual na escola já tem história.** In SILVA, M. C. P. (organização e coordenação técnica) **Projeto de Orientação Sexual Infantil** da Rede Municipal de Educação de São Paulo. São Paulo: s.d.

EGYPTO, A. C. (Org). **Orientação Sexual na Escola: Um projeto Apaixonante.** São Paulo: Cortez, 2003.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual no Dia A Dia.** Londrina: [s.n.], 1999.

_____. **Educação Sexual: retomando uma proposta um desafio.** 2º ed. Londrina: EDUEL, 2001.

_____. **Formação de Educadores Sexuais: Adiar não é mais possível.** Campinas-SP: Mercado de Letras; Londrina-PR: EDUEL, 2006. (Coleção Dimensões da Sexualidade).

_____. (org) - **Homossexualidade e Educação Sexual: construindo respeito à diversidade,** Londrina: UEL, 2007.

GTPOS, ABIA, ECOS. **Guia de Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. GTPOS, ABIA, ECOS. **Guia de Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.



GUIMARÃES, I., **Educação Sexual na Escola: mito e realidade.** Campinas-SP: Mercado das Letras, 1995.

GUIMARÃES, I., **Sexualidade e Educação Escolar: uma discussão teórica.** In.

FIGUEIRÓ, M. N.D; RIBEIRO, P. R. M. **Adolescência em Questão: Estudos sobre sexualidade.** Araraquara-SP: Cultura Acadêmica, FCL-UNESP, 2006.

MELO, S. M. M., **Corpos no espelho: A percepção da corporeidade em professoras.** Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

_____, **O Invólucro Perfeito: Paradigmas de Corporeidade e Formação de**

Educadores in RIBEIRO, P. R. M. (Org), **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias.** São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

_____, (resp). Curso de Extensão **Formação de Educadores e Educação Sexual** – UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina, 2008. (Caderno Pedagógico)

RIBEIRO, P. R. M. (Org.), **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias.** São Paulo: Arte & Ciência, 2004.